



ISSN 2268-493X  
ISSN en ligne 2268-4948

## Circuitos de sombras na Europa de Gonçalo M. Tavares<sup>1</sup>

**Lígia Bernadino**

Universidade do Porto (ILCML), Portugal

ligiabernardino@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2126-8781>

Reçu le 06-10-2021 / Évalué le 03-11-2021 / Accepté le 01-12-2021

### Circuitos d'ombres dans l'Europe de Gonçalo M. Tavares

#### Résumé

Voir l'Europe contemporaine à travers le regard de Bloom, le protagoniste de *Uma Viagem à Índia* [Un Voyage en Inde], de Gonçalo M. Tavares, signifie plonger dans un monde de menaces, traumas, crimes, recherches et fuites. Au long de ce mouvement permanent, il y a des traces identitaires qui s'ébauchent et qui aboutissent aussi bien à des conflits qu'à des amitiés interculturelles. Pourtant, l'illusion, l'oubli de l'histoire ou le triomphe d'un capitalisme débridé mettent en péril l'idée d'une Europe comme modèle civilisationnel. Le livre analysé ici pointe quelques-unes des faiblesses avec lesquelles se débat ce continent, questionnant sa mélancolie, d'où découlent les violences les plus diverses et les plus cycliques.

**Mots-clés :** Gonçalo M. Tavares, Europe, épopée, violence, identité

### Circuitos de sombras na Europa de Gonçalo M. Tavares

#### Resumo

Ver a Europa contemporânea pelos olhos de Bloom, o protagonista de *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, significa imergir num espaço de ameaças, traumas, crimes, buscas e fugas. Neste movimento constante, esboçam-se traços identitários que tanto resultam em conflitos, quanto em amizades interculturais. No entanto, a ilusão, o esquecimento da História ou o triunfo de um capitalismo desenfreado põem em risco a ideia da Europa enquanto modelo civilizacional. O livro aqui analisado aponta algumas das fragilidades com que este continente se debate, problematizando a sua melancolia, convertida na fonte das mais variadas e cíclicas violências.

**Palavras-chave:** Gonçalo M. Tavares, Europa, epopeia, violência, identidade

## Shadow circuits in Europe by Gonçalo M. Tavares

### Abstract

Seeing Europe through the eyes of Bloom, the leading character of Gonçalo M. Tavares' *Uma Viagem à Índia* (*A Voyage to India*) means plunging into a space of threats, traumas, crimes, searches and escapes. In such constant movement, the identity traits are as much the cause of conflicts as they produce intercultural friendships. Yet, deceit, history oblivion or the triumph of unbridled capitalism put the idea of Europe as a civilisation model at risk. The book this essay looks into points out some of the frailties this continent faces, questioning its melancholy, which turns into the source of disparate and cyclical violence.

**Keywords:** Gonçalo M. Tavares, Europe, epic, violence, identity

*A Europa não pode reduzir-se a um fantasma dócil ao ser conjurado pela imaginação. É um fantasma que exige ser entendido, descoberto. Não nos deixa em paz, não nos deixa descansar na sua translúcida presença.*

María Zambrano, *A Agonia da Europa* (1945)

*A Europa, coberta de isóbaras  
ou um labirinto; de nimbos, cirros,  
ou um branco panal de mortos;  
de setas, ventos, ou flechas  
apontadas ao coração débil.*

Fiama, *As Fábulas* (2002)

### 1. Mitos

O mito grego da princesa Europa sugere um expansionismo originário: após o rapto perpetrado por Zeus, os irmãos dela partem à sua procura, gritam o seu nome. O eco deste grito propaga-se por vastos territórios, assim os unindo num nome comum, mas também numa mesma dor e num mesmo imaginário. Desde logo se apresentam elementos fundamentais na construção de uma identidade: espírito, espaço, ação. Simbolicamente, este mito sugere o nascimento da Europa-continente enquanto território em movimento, assentando contudo numa perda e numa violência iniciais. A Europa, portanto, não se define enquanto luminoso farol orientador do mundo: desde a sua raiz são demasiados os momentos sombrios. Entre o humor e o horror, *Uma Viagem à Índia* (2010), de Gonçalo M. Tavares, é uma epopeia que explora as complexas zonas cinzentas da contemporaneidade europeia.

Em termos estruturais, este livro segue a matriz de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões: divide-se em dez cantos; cada canto tem o mesmo número de estâncias do livro matricial; os episódios apresentam-se sequencialmente, notando-se um paralelismo temático entre as duas obras. No entanto, no mundo contemporâneo, longe estão os tempos na crença ou valorização dos deuses pagãos, todos os espaços estão escrutinados, à memória europeia foram acrescentados momentos de intensidade inimaginável para o século XVI. A tecnologia do século XXI desenvolve uma dinâmica mecanicista que contagia os atos humanos. Por outro lado, historicamente, os conflitos mundiais do século XX, de que os campos de morte nazis serão o exemplo mais extremo, abalaram a confiança num progresso contínuo rumo ao bem universal. Usando palavras de Eduardo Lourenço, ler *Uma Viagem à Índia* implica embarcar numa Europa de um “demoníaco desassossego” (2010: 14), em que a viagem para o Oriente parece confirmar um “êxtase vazio, fascinado pelo esplendor do seu [do Ocidente] presente sem futuro utópico” (*ibidem*).

No jogo intertextual desta obra de Gonçalo M. Tavares reconhece-se o legado cultural europeu: sendo uma epopeia, destaca-se um tributo literário aos clássicos greco-latinos, mas também a Camões; já o nome do protagonista, bem como o da sua amada Mary (que, tal como Inês de Castro, é morta pelo pai), permitem a associação a *Ulisses*, de James Joyce, livro publicado em 1922. Portanto, *Uma Viagem à Índia* estrutura-se cumulativamente, numa viagem sobretudo metafórica pela Europa contemporânea.

O viajante Bloom não cruza os camonianos mares do sul, nem o Mediterrâneo que Ulisses terá sulcado. Antes, desloca-se pelo continente europeu. No entanto, mais do que a adoção de uma perspetiva eurocêntrica, a mudança de percurso serve para a descrição da Europa num estado latente de conflito, tanto individual quanto coletivo. Existe em *Uma Viagem à Índia* um vazio que redundava em esquecimento e atos reativos de consequências violentas. Apontando para esse vazio, o subtítulo “melancolia contemporânea” não deixa de ser enganador, dada a perigosidade permanente por que as diversas personagens passam.

A obra de Gonçalo M. Tavares problematiza a conceção de uma Europa cujos atos se justifiquem por ideias humanistas de raízes assentes no Iluminismo. Para Ellen Meiksins Wood, “the most obvious point about the Enlightenment concept of progress is that its source and its model is scientific knowledge, the cumulative, directional, quality of that particular form of knowledge” (2000: 418). Para esta historiadora, a ciência é assim uma evidente base do progresso. Para Gonçalo M. Tavares, porém, sendo um aspeto não negligenciável, o conhecimento cede facilmente às pulsões. Como afirma em entrevista a Pedro Mexia no mesmo ano da publicação de *Uma Viagem à Índia*, salientando a preponderância da racionalidade

que as ciências e o progresso tecnológico exercem na contemporaneidade, o autor afirma a dependência completa dessa mesma racionalidade face a “coisas básicas e antigas - as necessidades primárias” (Tavares, 2010).

Bloom, o protagonista deste livro, não pode cruzar a Europa de modo ingénuo: sendo uma personagem ficcional, ele encarna “os problemas do século XXI” (*ibidem*), e neste século são evidentes as cicatrizes deixadas na Europa pelos devastadores conflitos das guerras mundiais, mas também pela guerra civil da Jugoslávia ou pela ascensão e desmoronamento da União Soviética. Numa entrevista a Gonçalo Mira, Gonçalo M. Tavares comenta que “todos nós somos muito condicionados pelo que nos vai acontecendo. E, portanto, a proclamação de que eu sou um homem bom, independentemente do que aconteça, é uma proclamação perigosa” (2008). Nesta epopeia do século XXI não aparecerá um herói clássico da mesma medida de Ulisses ou Aquiles, mas um anti-herói que age tão racionalmente quanto por instinto, ameaçado e ameaçador consoante circunstâncias quantas vezes aleatórias.

Na Europa deste Bloom, o imprevisível coloca a ética em perigo. Chegado à Índia, Bloom vê-se confrontado com vários choques culturais, desde logo a língua:

*E passando ao lado de indianos com  
língua indeterminada, Bloom sentiu-se  
portador de uma poesia delicada que tenta  
encetar conversação com prosa má.  
Mas do outro lado sentia-se o mesmo. A  
incompatibilidade linguística, percebeu Bloom, é bem  
mais grave que a incompatibilidade moral,  
até porque entre a ética de um  
santo e de um canalha, as diferenças são  
mais de direcionamento da habilidade.  
Como? - perguntou Bloom. (Tavares, 2010: 307).*

Esta estância 45 do canto VII aponta uma convicção: a da hegemonia europeia. Bloom carrega consigo uma bagagem cultural e é a partir dela que estabelece a comunicação com a alteridade que, apesar de tudo, a Índia representa. A “poesia delicada” - acrescentemos: europeia - contrapõe-se aqui à “prosa má” - pressupostamente indiana: a música das línguas estabelece desde logo uma dicotomia estética, em desfavor do não-europeu. Amin Maalouf apelida de “civilização de referência” (2002: 81) o Ocidente ou, mais especificamente, a Europa,

continente que acaba por promover a marginalização das outras civilizações tanto em termos materiais quanto intelectuais, reduzindo-as “a um estado de culturas periféricas, ameaçadas de extinção” (*ibidem*). Bloom sente-se portador dessa hegemonia europeia, ainda que tenha partido para a Índia em busca de “sabedoria / e esquecimento” (Tavares, 2010: 32).

A dificuldade de comunicação com a alteridade conduz à deriva do pensamento de Bloom, cujas reflexões põem em risco a moralidade de tradição judaico-cristã: não há culpa nem perdão, apenas atos enquanto reação natural ou instintiva aos acontecimentos vivenciados. Como afirma Luís Mourão numa análise à obra de Gonçalo M. Tavares, baseando-se no conceito de “hipermobilidade dos sujeitos modernos” de Sloterdijk, “podes tudo, exceto ficar parado” (Mourão, 2018: 85). Ao longo de toda a epopeia, Bloom está em viagem, observa, reflete, é ameaçado, protege-se, reage, mata. Trata-se de um percurso de movimento sem tréguas, mas, ao contrário das epopeias clássicas, é feito solitariamente, como individualistas são as vivências do cidadão europeu atual: trata-se aqui, pois, da materialização do que Rosi Braidotti considera ser um “individualismo liberal” (2020: 114), cuja base seria o exercício de “uma liberdade que alegadamente iria ser assegurada para todos” (*ibidem*). Para esta filósofa, tal resulta dos tempos da Guerra Fria, mas as tentativas de concretização nem sempre redundam em benefício generalizado. A epopeia de Gonçalo M. Tavares exemplifica a perigosidade deste exacerbado individualismo europeu.

## 2. Riscos

O movimento que caracteriza a vida dos cidadãos europeus contemporâneos indicia a falência de uma tradição humanista que se apoia num ideal eurocêntrico de “tendências imperialistas” (Braidotti, 2020: 114), assente numa ilusão de grandeza de um continente que, afirma Braidotti, se tem visto como “guardiã[o] moral do mundo e o motor da evolução humana” (123). Tal crise comporta consequências eufemística e dissimuladamente descritas por Bloom como “direcionamento de habilidades” (Tavares, 2010: 307): para esta personagem, as ações de canalhas e santos assemelham-se, o que significa que o bem e o mal são apenas duas faces da mesma moeda. Tal dicotomia legítima todas as ações, boas ou más. Mais ainda, branqueia o mal por detrás da amoralidade. Questiona George Steiner no livro *No Castelo do Barba Azul* (1971):

*Porque é que as tradições humanistas e os modelos de comportamento correspondentes se revelaram defesas tão frágeis contra a bestialidade política? De facto, seriam uma defesa ou será mais realista identificarmos na cultura humanista apelos expressos ao autoritarismo e à crueldade? (1996: 40).*

Este filósofo frisa a impossibilidade de qualquer estudo cultural pós-segunda guerra mundial não tomar em consideração os massacres ocorridos nos dois conflitos mundiais. Esta violência desmedida eclodiu com especial intensidade na Europa. Afinal, a barbárie verificada no século XX contradiz ideais humanistas que se baseiem em verdades incontestáveis de valor universal. O percurso de Bloom, de *Uma Viagem à Índia*, radicaliza tal posição, como desde logo o narrador desta epopeia avisa no canto I: “Cuidado com os homens que partem com vontade / e felizes: na primeira acção, se necessário, / serão capazes de matar” (Tavares, 2010: 33).

Debater a Europa partindo da obra de Gonçalo M. Tavares significa, pois, problematizar o conceito de civilização. Ellen Meiksins Wood, não ignorando o lado obscuro do progresso, e explanando a sua visão acerca do Iluminismo, defende que “the mind, especially in the form of scientific knowledge, is [...] the one thing we can count on to advance” (2000: 419). Já George Steiner celebra “a intensa claridade matinal da Europa no pensamento grego e na moral judaica”, (Steiner, 2004: 53), considerando “vital que a Europa reafirme certas convicções e audácias de alma que a americanização do planeta - com todos os seus benefícios e generosidades - obscureceu” (*ibidem*). Afirmando a dupla origem que funda a Europa, o humanismo cujas origens remontam à Grécia clássica baseando-se na razão e a moralidade judaico-cristã, Steiner deteta, porém, um declínio e uma submissão do espírito europeu, que se mercantiliza, adotando procedimentos distantes da sua matriz.

Em 1945, María Zambrano defende que a Grécia Antiga fundara neste continente um “idealismo que alcançou o seu ponto máximo [...] na filosofia romântica alemã do século XIX” (2012: 26), o mesmo querendo dizer que percebia, na altura da publicação do seu livro *A Agonia da Europa*, em 1945, um declínio do espírito cristão, apesar de exclaimar que “a Europa não morreu, a Europa não pode morrer totalmente, a Europa agoniza” (48). Face a esta constatação, a Europa precisa de encontrar a salvação através do pensamento autorreflexivo. Para isso, é necessário saber-se “quais são as origens da Europa, qual o seu nascimento. E qual é a substância da vida europeia” (55).

Estas duas posições distanciadas entre si umas décadas mantêm a convicção de uma unidade europeia baseada em princípios que iluminarão o restante mundo, não deixando porém de reconhecer as ameaças e calamidades sucessivas que este continente atravessou. Steiner não ignora o horror dos campos de concentração nazis; em 1945, Zambrano desconhecê-lo-ia, mas estava ciente da violência latente na Europa, ao ponto de se interrogar acerca da origem dessa mesma violência (*ibidem*). Salientando a importância fundamental da Europa na geoestratégia mundial, há, porém, nestes dois filósofos a percepção das ameaças que afetam a

vida do continente. A Europa é permanentemente atacada a partir do seu âmago ou do exterior; a Europa vulnerabiliza-se, apesar de convicta da sua força.

Numa entrevista, e a propósito de *Uma Viagem à Índia*, afirma Gonçalo M. Tavares: “o Ocidente materialista e funcionalista, exemplificado em Bloom, acaba finalmente por ser enganado e roubado pelo Oriente místico e ético. A ovelha troca do lobo, e rouba-o” (Tavares, 2010). Como afirma Luís Mourão, há na obra deste escritor a possibilidade de interpretações alegóricas das suas narrativas (2020: 146). A queda de Bloom, que parte para a Índia não numa missão coletiva a mando de um rei português, como acontece n’*Os Lusíadas*, mas num percurso de propósitos meramente individualistas, assinala o colapso da hegemonia europeia e do seu padrão humanista. Segundo Rosi Braidotti,

*[e]ste modelo estabelece os padrões não só para os indivíduos, mas também para as suas culturas. Em termos históricos, o humanismo desenvolveu-se como modelo civilizacional, formando uma ideia de Europa que coincidia com os poderes universalizantes da razão autorreflexiva. A transformação do ideal humanista num modelo cultural hegemónico foi canonizada pela filosofia da história de Hegel. Esta visão, que se autoglorifica, considera a Europa não apenas uma localização geopolítica, mas também um atributo universal da mente humana. (Braidotti, 2020: 112)*

Humanismo e Europa convertidos em realidades intermutáveis; a Europa como continente-modelo a seguir pela restante humanidade: tais apreciações autobalutórias tornam-se falaciosas, conduzindo a convicções de difícil consistência. Simbolicamente, Bloom pode interpretar-se como o europeu contemporâneo: o percurso dele em *Uma Viagem à Índia* indicia o esboroamento dessas convicções. Apesar de afirmar a sua pertença à Europa, chegado à Índia, conversando com um mestre indiano, Bloom reconhece a decadência europeia: “Está velha, é certo, tem / pressupostos egoístas” (Tavares, 2010: 353), confessa, para acrescentar:

*O continente afunda-se, é certo,  
mas ainda tem montanhas.  
Afunda-se, é certo, mas ainda tem helicópteros.  
Afunda-se, mas ainda se consegue colocar  
em bicos de pés e ainda existem pelo menos  
dez pessoas vivas  
que merecem ser ouvidas.  
Na Europa, na velha  
Europa, ainda há cabeças imprevisíveis. (Tavares, 2010: 353-4).*

A repetição do advérbio de tempo “ainda”, a anáfora de “Afunda-se”, a repetição de “Europa” enfatizam um sentimento de queda iminente, mesclado com o orgulho pela manutenção de alguns traços naturais e técnicos, na consciência de que persistem uns escassos eleitos a ouvir. Bloom está na Índia em busca de sabedoria: será ele um dos eleitos. Afinal, falando com Shankra, o mestre indiano, o herói desta epopeia confessa-lhe as suas angústias e traumas, ao mesmo tempo que o instrui na cultura europeia. A atitude de aparente humildade e aprendizagem converte-se na veiculação de uma cultura que nem sempre se mostra disponível para a abertura à alteridade. Bloom assume-se sábio, como o narrador sugere quando se lê “assim falava Bloom, a personagem, o herói entusiasmado” (320). A semelhança da expressão que abre esta estrofe do canto VII com *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche, aproxima parodisticamente a caracterização da Europa nesta obra de Gonçalo M. Tavares com uma visão niilista que contraria qualquer glorificação universalizante de um espírito europeu.

O fracasso da missão de Bloom estava desde o início adivinhada, como o narrador clara e provocatoriamente o indica: “De Paris à Índia / vai a distância de uma Civilização inteira. / Não há avião que ligue estes dois mundos” (Tavares, 2010: 193). E os motivos do fracasso resultam de um fechamento isolacionista que Bloom simboliza. Este europeu segue para a Índia com um propósito de evasão, forma ilusória de escapar à frieza e ao excesso: frieza com que perpetrou a morte do pai; excesso pelo sofrimento sentido pelas mortes da mulher que amava (assassinada pelo pai) e do próprio pai que Bloom também amava (mas assassinado por ele próprio). Este elemento freudiano de *Uma Viagem à Índia* é também símbolo da tragicidade europeia, continente que experienciou estados de guerra sucessivos como um trauma de difícil superação.

O ato parricida comporta um peso que se aproxima de uma condenação - como a de Édipo. Mas há também a perda que resulta de uma experiência de vida imparitável: de alguma forma, cada morte arrasta consigo o esquecimento. Se Bloom for o europeu contemporâneo, o parricídio encerra um potencial de esquecimento da própria história europeia: matar o pai significará o branqueamento do seu crime. Na Europa contemporânea, matar as gerações anteriores poderá significar o branqueamento do horror que, por exemplo, se verificou neste continente durante a segunda guerra mundial. Cometendo crimes semelhantes ao do seu pai, Bloom confirma a probabilidade de repetição do mal não num longínquo país em que, aos olhos de uma Europa impante, a civilização tarda, mas no próprio seio europeu.

Já na Índia, Bloom confessa ao mestre Shankra como aboliu o seu passado “de uma vez, no momento exacto em que matei o meu pai. / Há certos actos raros que juntam a forte memória ao esquecimento. / Lembro-me e esqueço-me;

esqueço-me e lembro-me” (Tavares, 2010: 338). Trauma e perigo juntam-se numa mistura explosiva: a dor do momento vivido não dá paz; antes, alimenta o ódio e instiga a repetição de atos bárbaros. Eis a história da Europa. María Zambrano crê na existência de um “lado da sombra e de desgraça” neste continente, herança da Grécia clássica (2012: 82). Já para George Steiner, “um europeu culto é apanhado na teia de um *in memoriam* simultaneamente luminoso e sufocante” (2004: 35). A Europa vive, pois, numa intermitência de lembrar e esquecer, entre a luz e a sombra, atreita a uma barbárie com a qual convive apenas enquanto realidade traumática e, por consequência, potencialmente repetível.

### 3. Distâncias

María Zambrano defende que os gregos tiveram “sede de razão” (2012: 82) devido ao desgosto que sentiam pela vida: a tragédia com os seus excessos e a catarse que suscita seria uma forma encontrada na antiguidade clássica para que a objetividade fosse alcançada. Segundo a filósofa, seria este o meio de se atingir a revelação, que assentaria na primazia da razão, o que será uma tentativa de conciliação da filosofia grega com a escatologia cristã. Para ela, a violência acompanha desde sempre a História europeia porque a religião que grassou na Europa - o cristianismo - criou “o único homem que, vivendo numa religião, não se dispõe a servir de pasto aos deuses” (66), ao contrário do que acontece com “o homem do Oriente [que] jamais teria concebido esta independência histórica do homem, [pois] seria considerada a maior transgressão e falta de respeito para com os deuses” (*ibidem*).

Na altura em que escreveu *A Agonia da Europa*, vivia-se a Segunda Guerra Mundial: natural seria tentar justificar o injustificável, quando se estava perante a guerra mais nefasta da História da Humanidade e que atingiu sobretudo a Europa. No livro *Breves Notas sobre as Ligações* (2009), Gonçalo M. Tavares desenvolve reflexões que se constituem como diálogos com três outras autoras: Maria Gabriela Llansol, Maria Filomena Mónica e María Zambrano. Ora, a propósito desta última, reflete: “Se  *muito perto* do acontecimento, o homem não conhece, sofre a sua influência; se  *muito afastado*, o homem também não conhece, e porque quase não vê quase esquece” (2009: 15; itálicos do autor). Bloom, enquanto homem europeu do século XXI, enquadra-se neste desconhecimento da realidade em que vive, por demasiado próxima, ainda que o seu objetivo maior seja o esquecimento, o que será conseguido ao distanciar-se da Europa. Partindo para a Índia em busca de sabedoria e esquecimento, Bloom denota um desejo de evasão, como se desse modo superasse o trauma vivido e limpassem a consciência.

Há assim um alheamento estrutural que favorece o surgimento da violência gratuita. Elaborando acerca da existência latente de violência que tanto pode originar conflitos bélicos declarados, quanto tumultos circunstanciados, senão mesmo atos de terrorismo, Hans Magnus Enzensberger considera que:

*O conceito de «reacção paradoxal» é conhecido da farmacologia: uma substância que é erroneamente aplicada ou dosificada pode produzir o efeito contrário ao pretendido. Do mesmo modo, exigências morais que ultrapassem as capacidades de acção conduzem o indivíduo à passividade e à negação de qualquer responsabilidade. Aí se insere o germe do processo de barbárie, que pode evoluir para a agressividade furiosa. (Enzensberger, 1993: 66-67)*

Lembrando o clima sócio-político que antecedeu a chegada de Hitler ao poder, nos anos de 1930, e a consolidação desse mesmo poder, a passividade da população teve como correlato, por exemplo, o incêndio de sinagogas em Berlim. *Uma Viagem à Índia* apresenta diversos episódios em que essa reação paradoxal se manifesta. Bloom procura “um tédio surpreendente” (Tavares, 2010: 52), mas vê-se sucessivamente envolvido em circunstâncias que, sendo surpreendentes, se distanciam do tédio. Não encontra no caminho pela Europa grandes exemplos de virtudes ou sequer o domínio de uma racionalidade tendente ao exercício do bem. Pelo contrário, gestos de aparente bondade rapidamente evoluem para situações de violência, como o arдил, o roubo ou tentativas de assassinio.

No final desta epopeia contemporânea, no episódio que glosa a «Ilha dos Amores», de *Os Lusíadas*, Bloom obtém a recompensa pelo seu percurso não num idílico espaço de sedução numa ilha em pleno oceano, mas numa orgia em Paris. A fuga à pressa da Índia culmina no assassinio da prostituta que o acompanha, como vingança “para contra-balançar o / falhanço intelectual e espiritual” (2010: 374) da sua demanda. A violência gratuita é proporcionada por um espírito que se solta tanto de uma moralidade judaico-cristã, quanto de um “caminho aberto pela razão” (Zambrano, 2012: 84), que María Zambrano considera ser a origem da filosofia salvadora grega. Despido dos supostos valores culturais europeus, Bloom - o homem europeu contemporâneo - apercebe-se de que “a bondade não é exclusiva dos homens bons, / o que baralha muito” (Tavares, 2010: 400). O caráter dúbio dos valores e a indiferença grassante incitam os atos mais bárbaros:

*Bloom está tão indiferente à má gramática da prostituta que não cessa de falar, e sente tão pouco - quer a natureza que o rodeia quer os cidadãos ao seu lado - que é quase, naquele momento, um Espírito.*

*Bloom é assim santo subitamente.  
E fica feliz ao pensar nisso.  
Chegar ao profundo religioso  
pelo tédio e pela objecta neutralidade,  
eis agora o que lhe resta.* (Tavares, 2010: 446-447).

O percurso individualista de Bloom não o conduz à paixão, muito menos à compaixão, mas à violência. Perante a possibilidade de partilha (esta prostituta estava a apaixonar-se por ele) opta pelo assassinio, legitimando o seu ato por uma desmaterialização que sente elevá-lo à condição de santo. Desresponsabilização, portanto, ainda que na consciência dos perigos advindos da neutralidade. A abjeção aludida antecipa o momento de ação: Bloom mata esta mulher “[vingando-se] dos longos dias / sem vontade de agir” (448). Nesse momento, o europeu Bloom inicia o seu regresso ao local de partida - Lisboa - com o peso de um crime tão grave quanto o que o levava à viagem inicial, como se a barbárie funcionasse por ciclos.

Em *Jerusalém*, livro de Gonçalo M. Tavares publicado em 2004, Theodor Busbeck, médico psiquiatra, incumbe-se da tarefa de estudar os ciclos do mal, pretendendo com isso determinar a circularidade de momentos de guerra ou barbárie. Para tal, faz gráficos cronológicos, no que Pedro Eiras qualifica de “estranho eterno retorno do horror” (2018: 182). Há um medo enunciado por Busbeck: que não haja no mundo progressão, mas ciclo. A progressão implicaria a possibilidade de o horror vir um dia a ser exterminado. O ciclo, por seu turno, implica a inevitabilidade da repetição, por outras palavras, a inevitabilidade do horror. Busbeck tem medo de encontrar, afinal “uma constância do horror no tempo, uma manutenção da normalidade do horror que termine por completo com qualquer esperança” (Tavares, 2005: 54). Após o conhecimento do que a Europa sofreu na Segunda Guerra Mundial, percebe-se assim um elemento fantasmático que ensombra este continente e para que a obra de Gonçalo M. Tavares com frequência alerta: a desatenção face aos sinais que eventualmente poderão camuflar perigos maiores. Como afirma George Steiner, “a frequência amorfa da nossa habitação ao terror é uma derrota radical da humanidade” (1997: 57).

A união do presente e do passado em Roma; os palácios de Viena; um certo adormecimento ou promessa adiada da Grécia; a Veneza sitiada por água: locais emblemáticos sintomaticamente são convocados por Bloom por representarem paisagens e momentos carismáticos da cultura europeia. À grandiosidade greco-latina, junta-se Viena, capital do império austro-húngaro, desde finais do século XIX, mas também capital da Áustria, país onde Hitler nasceu e que veio a ser anexado pela Alemanha nazi em 1938. Lê-se em *Uma Viagem à Índia*: “Bloom já o sabe há muito: / somos inseparáveis do nosso pior. / Pode-se fingir durante anos, / mas cada um é inseparável da sua maldade” (Tavares, 2010: 358).

#### 4. Movimentações

A Europa de Bloom, aquela que ele transporta na viagem para a Índia, é um continente que se destaca pelas comodidades materiais, propensas a um amolecimento espiritual: na Europa contemporânea, o pensamento é gradualmente substituído pelo movimento das grandes metrópoles, onde a multidão se congrega numa massa compacta, ainda que composta por seres individuais. Num paralelismo com a chegada de Vasco da Gama a Melinde, reportado n'Os *Lusíadas*, chegado a Paris, segundo ponto do seu trajeto, Bloom descreve a Europa a um amigo que entretanto conhece:

7

*Venho desse bocado de espaço que se chama Europa,  
onde as canalizações por dentro das casas e os aviões  
nos céus se acompanham numa misteriosa simetria  
que a tecnologia mais contemporânea permite.  
A água circula nas casas da Europa repetindo,  
dentro de um cano, o circuito das companhias aéreas  
sensatas: eis um facto quase poético, que eu agora divulgo.*

8

*Na Europa há vento, neve, luz, água, incêndios  
e ainda gramática, sintaxe e bibliotecas extensas.  
Paralela à Natureza existe, pois, a linguagem.  
E em tão erudito continente existem mais institutos  
públicos preocupados com a boa utilização das metáforas  
do que preocupados com ciclones.  
É, no fundo, um continente civilizado, lavado,  
com cuidados de higiene aplicados à paisagem -  
que chegam mesmo, em certas paragens onde faz mais frio,  
a pormenores de lupa.*

9

*E na Europa existem coisas - disse Bloom -  
que desperdiçam gestos e caem no erro infantil  
de dançar quando estão felizes.  
Enquanto em certas terras se medita - como no Oriente -,  
na Europa organizam-se bailes.  
Em alegria transitória não há quem vença a fútil  
Europa. (Tavares, 2010: 121-122)*

Não há nesta epopeia contemporânea o tom sublimado d'Os *Lusíadas*, quando Vasco da Gama inicia a narração ao rei de Melinde da história de Portugal, pelo que a

qualificação de “soberba Europa” (Camões, 1978: 128) seria em *Uma Viagem à Índia* um epíteto deslocado. Percorrer estas três estâncias implica a interpretação de um retrato da Europa tomada pela mecanização, pelo excesso verbal, pela futilidade. O continente europeu é um mero “bocado de espaço” (Tavares, 2010: 121) em que a terra e o céu se equivalem na dependência da tecnologia. A poesia é agora bastante diferente da que se lia no século XVI, como se também ela dependesse da era da técnica, como se esta fosse um elemento preponderante da intimidade europeia. Até a água se domestica quando entra nas casas, seguindo a orientação dos canos. Quanto à natureza, ainda que existindo na Europa, acaba subjugada pela linguagem, atributo humano, que se domestica pelos institutos públicos, numa valorização do que é dito em detrimento da realidade das ameaças naturais. Na Europa, a Natureza torna-se invisível.

E há ainda a superficialidade, a confiança excessiva na felicidade, quando esta consiste num estado transitório. No “continente civilizado” (Tavares, 2010: 121) como o descrito, restaria pouco espaço para pensamentos profundos. No entanto, Bloom sabe que tal retrato da Europa é meramente ilusório e que as manifestações exteriores de alegria se tornam perigosas. Como afirma o narrador numa altura em que Bloom está na Índia, “sem a ingenuidade / trôpega dos felizes, o seu pensamento / movia-se” (359).

Por isso, na Índia, escapa a ataques de salteadores, rouba e é roubado, traz consigo para a Europa uma velha edição do «Mahabarata», epopeia que assinala a história da Índia, surripiada ao mestre Shankra e não reclamada por ele: Bloom tem a mesma atitude de rapinagem que os europeus mantiveram durante séculos face a países de outros continentes, ao passo que a Índia se deixa corromper pelo brilho do dinheiro que vem da Europa. O espírito europeu, como o indiano, soçobram ao poder do capitalismo.

## 5. Mercadorias

Em 1973, o pintor português de origem grega Nikias Skapinakis concebeu o quadro *O Enlevo de Miss Europa*. Sem cambiantes de tons nem efusões excessivas de formas e movimentos, sobressai um minimalismo desarmante, onde apenas duas personagens se percebem: o touro branco e Europa no seu dorso. Remetendo figurativamente para o mito grego, é no título do quadro que se percebe a ironia: afinal, Europa é uma *miss*, o que, aludindo ao concurso de beleza, transforma a personagem mitológica num produto da sociedade de consumo. Por outro lado, não é o ato de dissimulação e engano que sobressai do mito grego, mas o enlevo, ou seja, a evasão da realidade. O touro olha diretamente quem observa o quadro;

já Europa permanece de olhar ausente: ela está apenas em exposição, como se se tratasse de mero valor facial.

Perto de quarenta anos volvidos, *Uma Viagem à Índia* retrata a Europa enquanto continente do consumismo e da transação que “lava ao fim do dia os pés / num balde de dinheiro” (Tavares, 2010: 431). Em tal ambiente, os direitos adquiridos são preservados apenas em função do lucro. A perversidade não está nos atos, mas no que o resultado dos atos significa em termos das transações comerciais, a quem ética e estética se submetem. Como é descrito, um objeto mutilado vale menos comercialmente do que um objeto intacto. Lê-se no Canto II, altura em que Bloom está em Paris:

*Porque o capitalismo sabe que uma mercadoria  
sem uma das patas vale menos:  
por isso não arranca patas ou orelhas,  
ou cabeças inteiras, à dentada. Mas se valesse mais até arrancavam  
uma das patas da Torre Eiffel - exclamou Jean M.  
Não te iludas com monumentos nem com cerimónias.  
A estética terminou. Ficou o dinheiro.  
Os homens são génios do bem para o ouro,  
génios do mal para a paisagem.* (Tavares, 2010: 113).

Curiosamente, quem expressa esta opinião é Jean M., um parisiense com quem Bloom trava conhecimento na sua primeira estada em Paris. Ora, este nome não será aleatório: Jean Monnet foi um banqueiro e um dos principais estatregas que determinaram a fundação da União Europeia. Tendo vivido a Segunda Guerra Mundial, a sua ação une-se à vontade de prevenir conflitos como aqueles que testemunhou na primeira metade do século XX. Ele foi, portanto, um dos responsáveis pela edificação de um novo equilíbrio pacífico na Europa e que passa por reequilíbrios económicos. Não surpreende, portanto, que o português Bloom trave com o francês Jean M. uma amizade sólida. A ironia reside no crime cometido pelo primeiro após a orgia organizada pelo segundo: a Ilha dos Amores contemporânea mais facilmente desencadeia a tragédia do que promove o descanso dos viajantes.

Hans Magnus Enzensberger destaca a “anomalia” (2012: 9) que a Europa vive por os estados que compõem a União Europeia não serem palco de qualquer conflito armado desde 1945. Com o fim da guerra fria, a ameaça de uma guerra cessa, o que seria a vitória de Jean Monnet, se outra guerra de cariz diferente não se adivinhasse: a guerra do capital. Por isso, estando a natureza subjugada - estando a paisagem à mercê do que o dinheiro pode comprar - resta a opção pelo “pacífico capitalismo” (Tavares, 2010: 113), que transfigura as correlações de poder. Afinal, “a realidade

/ é uma coisa que pode ser comprada. Mas não é barata” (132). A adversativa aqui presente alerta para os novos perigos que advêm do capitalismo emergente.

O cinismo acompanha a transmutação de valores que a Europa - principalmente a União Europeia - manifesta neste livro de Gonçalo M. Tavares. Chegado à Índia, Bloom leva consigo um mercantilismo selvagem que o torna perigoso, como é patente no desejo de se apossar do «Mahabarata», assim dissimulando uma europeia cobiça de acumulação de bens de todo o planeta. O mestre Shankra é alertado para esse facto: “Bloom quer roubar a tua sabedoria, / disseram-lhe, e quer roubar os teus livros / valiosos, decepar a cabeça da tua biblioteca” (345). Se Bloom for o símbolo do homem europeu, então esta ambição representa um novo sincretismo da Europa, que acrescenta à sua a sabedoria dos outros. Ainda assim, não há ganhos assinaláveis em termos éticos: numa sociedade capitalista, o valor em destaque é o do dinheiro. Na Índia, há uma conclusão a tirar: “nenhum artista se / encontra generalizado pelo mundo inteiro / desde a Europa à Ásia, a não ser o banqueiro” (309).

Ainda que Bloom procure na Índia a sabedoria e se apodere de uma velha edição do «Mahabarata», ainda que transporte consigo as obras completas de Sófocles e as *Cartas a Lucílio*, de Séneca, o seu vocabulário preenche-se de expressões contaminadas pelo domínio da economia, ao comentar, por exemplo, que traz “mercadorias / mentais de toda a Europa” (313) ou exclamando mentalmente “Ah, tão mau é o dinheiro, tão mau e horrível / quando não me pertence” (363). O sentimento de dignidade patente no anti-herói desta epopeia contemporânea não é assim herdeiro de uma tradição humanista de civilização baseada no conhecimento e no respeito pelo outro: a perda destes apregoados valores europeus surge como uma realidade insofismável. Os tempos não são favoráveis ao idealismo que George Steiner defende em *A Ideia de Europa*:

*A dignidade do homo sapiens é precisamente essa: a percepção da sabedoria, a demanda do conhecimento desinteressado, a criação de beleza. Fazer dinheiro e inundar as nossas vidas de bens materiais cada vez mais trivializados é uma paixão profundamente vulgar e inane. Pode ser que, de modos agora muito difíceis de discernir, a Europa venha a gerar uma revolução contra-industrial, assim como gerou a própria revolução industrial.* (Steiner, 2004: 53).

O negócio do armamento deixou de ser lucrativo para a Europa: o capitalismo converte-se numa “estratégia lúcida” (Enzensberger, 1998: 16), pelo que não há uma “conversão moral” (*ibidem*) dos dirigentes europeus. Estratégia, cálculo, dinheiro convertem-se nos valores que determinam as ações políticas, o que se distancia do ideal aqui expresso por Steiner. Ao idealismo de valores metafísicos,

a Europa contemporânea impõe a materialidade das transações comerciais. Nesse processo, porém, como afirma Wood, a abordagem materialista não significa o desmerecimento das dimensões culturais da experiência humana, antes consiste num “essential step in liberating culture from the stranglehold of commodification” (*apud* Patriquin, 2012: 232) por, acrescenta, permitir que se determinem e estabeleçam as condições que constituem o capitalismo contemporâneo.

Steiner instiga à resistência contra a superficialização de um quotidiano cego pelo consumismo; em *Uma Viagem à Índia*, o consumismo é assumido como uma característica humana, assim se justificando as guerras surdas que roubos e negociações para resgate de bens produzem. Ironicamente, o consumo, para personagens como o indiano Anish ou o europeu Bloom, consiste numa invenção dos deuses, que “formaram homens incompletos, / com estômago, frio e vaidade” (Tavares, 2010: 305).

Uma personagem indiscriminada desta epopeia afirma: “as cidades estão tortas [...] / porque nos homens todos os órgãos se resumem / a uma função: a de competir” (Tavares, 2010: 131). A verbalização assertiva de frases deste teor sugerem a inevitabilidade de uma organização político-económica capitalista. Os sucessivos atos narrados nesta epopeia, numa constante luta pela sobrevivência, denotam as consequências possíveis quando tudo é transacionável. Bloom “passa directamente, sem intermediários, / verbas da ignóbil Europa / para a sábia, sensata e receptiva Índia” (363), lê-se no Canto VIII. Parece verificar-se na Europa assim retratada a sua absorção pelo capitalismo, por contraste com a ainda sábia Índia. No entanto, a perseguição e ataques de que Bloom é alvo contrariam tal perspetiva: o capitalismo expandiu-se para uma escala mundial e a Europa não tem muito mais poder do que outros países onde o capitalismo paulatinamente triunfa.

A pródiga Europa estende o seu auxílio repartindo os bens pelos membros da União Europeia de acordo com as leis estabelecidas pelos estados-membro e exportando para os restantes países do mundo a sua sabedoria e os seus valores. Ora, quando dentro de si própria os valores se transmutam em função do dinheiro, perde-se a identidade cultural que George Steiner reivindica enquanto meta a atingir por este continente. Segundo ele, “ser europeu é tentar negociar, moralmente, intelectualmente e existencialmente, os ideais, afirmações, praxis rivais da cidade de Sócrates e da cidade de Isaías” (Steiner, 2004: 37). Para Enzensberger, por seu turno, “a antiga «visão do mundo» desapareceu sem deixar rasto, deixando apenas atrás de si a ânsia da agressão vazia” (Enzensberger, 1998: 25).

Em *Uma Viagem à Índia*, esvaziamento de sentido e agressão são o ponto de partida e o ponto de chegada do anti-herói europeu. Apesar de todas as regras e leis

que a racional Europa institui, a possibilidade de evasão a tais constrangimentos não só existe quanto estimula a concretização de atos aberrantes. Como explica Bloom a Jean M., “a legislação de um país é um tratado de paz / entre os seus habitantes, / mas o ódio entre os homens é bem mais estável / do que as leis que os homens estabelecem. / Porque o ódio é uma lei da natureza” (Tavares, 2010: 154).

A materialidade enquanto crença maior leva Bloom a descurar a crença na razão enquanto valor universalizante, assim como a desprezar sentimentos de culpa, remorso ou arrependimento, apesar dos atos bárbaros perpetrados. Bloom quer a sabedoria e o esquecimento, paradoxo insolúvel que impulsiona os seus atos, vivendo a condição de ser traumatizado. Bloom vive a repetição de um equilíbrio precário. Assim a Europa: enredada em valores, leis e repetições, ilusoriamente alimentando a convicção de uma superioridade moral, quando no âmago das suas cidades “a vida [surge] por coincidência / dentro do corpo” (290).

Mas há também uma Europa que resiste. Apesar de ter um “coração débil” ao qual são sucessivamente apontadas “setas, ventos e flechas”, como escreve Fiamá Hasse Pais Brandão no poema “Boletim meteorológico” (2017: 718), é um continente que, afirma María Zambrano, “exige ser entendido, descoberto” (2012: 48). *Uma Viagem à Índia*, à semelhança do que acontece em quase toda a restante obra de Gonçalo M. Tavares, insere-se nessa analítica vontade de conhecimento, alertando sem complacências para a complexa condição dos europeus contemporâneos, que ciclicamente sabem e iludem-se, anseiam e cobiçam, lembram e esquecem.

## Bibliografia

- Braidotti, R. 2020. Pós-humanismo - a vida para além do sujeito. In: *Pós-Humano. Que Futuro? Antologia de textos teóricos*. Org. Bernardino, L., Freitas, M., Soeiro, R. G., Vila Nova de Famalicão: Húmus, p. 111-156 [2013].
- Brandão, F. 2002. «Boletim meteorológico». *Obra Breve*. Porto: Assírio & Alvim, 718 [2017].
- Camões, L. V. 1975. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora [1572].
- Eiras, P. 2018. Quatro notas sobre a técnica n’*O Reino* de Gonçalo M. Tavares. In: *Gonçalo M. Tavares: Ensaios, Aproximações, Entrevista*. Org. Pinto, M. V. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p. 174-188.
- Enzensberger, H. M. 1998. *Perspectivas da Guerra Civil*. Lisboa: Relógio D’Água [1993].
- Enzensberger, H. M. 2012. *O Afável Monstro de Bruxelas ou a Europa sob Tutela*. Lisboa: Relógio D’Água [2011].
- Lourenço, E. 2010. Uma viagem no coração do caos. In: *Gonçalo M. Tavares, Uma Viagem à Índia. Melancolia contemporânea (um itinerário)*. Lisboa: Caminho.
- Maalouf, A. 2002. *As Identidades Assassinas*. Algés: Difel [1998].
- Mourão, L. 2018. A caixa negra do mundo: apontamentos do Atlas. In: *Gonçalo M. Tavares: Ensaios, Aproximações, Entrevista*. Org. Pinto, M. V. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p.72-93.

- Mourão, L. 2020. Entre um e um e a multidão: ligações éticas em Gonçalo M. Tavares. In: *Um Senhor Tavares. Ensaios e erros*. Org. Jacoto, L. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p.137-158.
- Patriquin, L. 2012. The Enlightenment, Postmodernism, and the Post-‘New Left’. In: *The Ellen Meiksins Wood Reader*. Org. Patriquin, L. Leiden: Brill, p. 221-243.
- Steiner, G. 1992. *No Castelo do Barba Azul. Algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio D’Água [1971].
- Steiner, G. 2004. *A Ideia da Europa*. Lisboa: Gradiva [2005].
- Tavares, Gonçalo M. 2005. *Jerusalém*; ed. ut.: 3ª, Lisboa, Caminho [2004].
- Tavares, Gonçalo M. 2008. «Podia ser perigoso estar constantemente fechado num quarto»: Entrevista a Gonçalo M. Tavares”, concedida a Gonçalo Mira. <https://orgialiteraria.wordpress.com/2008/01/30/podia-ser-perigoso-estar-constantemente-fechado-num-quarto-entrevista-a-goncalo-m-tavares/> [visto a 30 de agosto de 2021].
- Tavares, Gonçalo M. 2009. *Breves Notas sobre as Ligações (Llansol, Molder e Zambrano)*. Lisboa: Relógio D’Água.
- Tavares, Gonçalo M. 2010. *Uma Viagem à Índia. Melancolia contemporânea (um itinerário)*. Lisboa: Caminho.
- Wood, E. M. 2000. «Capitalism or Enlightenment». In: *History of Political Thought*. Vol. 21. No. 3. Autumn 2000, p. 405-426.
- Zambrano, M. 2012. *A Agonia da Europa*. Lisboa: Nova Vega [1945].

#### Note

1. Este artigo foi escrito no âmbito do Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDP/00500/2020).